

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Equipe diverge e deixa para Bolsonaro decisão sobre Cide	2
Título: Petrobras aumenta em 12% o preço da gasolina	4
Título: EDP distribui cestas e vale-alimentação	5
Título: Petrobras irá abastecer ambulâncias.....	6
Título: AES lucra e avança com plano estratégico.....	6
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	8
Título: Porta-voz da Presidência está com Covid-19.....	8
Título: Com recuperação do petróleo, Petrobras reajusta gasolina em 12% após 11 reduções	9
VEÍCULO: O Globo.....	11
Título: Petrobras aumenta preço da gasolina em 12%	11
Título: Dólar sobe 1,96% e bate novo recorde, a R\$ 5,703.....	12

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 07/05/2020****Seção: Brasil****Autor: Lu Aiko Otta e Cristiano Zaia — De Brasília****Título: Equipe diverge e deixa para Bolsonaro decisão sobre Cide**

Divergências na equipe de governo colocaram sobre a mesa do presidente Jair Bolsonaro a decisão sobre elevar ou não a Cide combustíveis, cobrada sobre a gasolina. Defendida pelo setor sucroalcooleiro, que amarga forte queda na demanda por causa da pandemia, a medida enfrenta oposição da equipe econômica. Mas é defendida pela ministra da Agricultura, Tereza Cristina. **O ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**, também defende para o presidente a adoção de medidas tributárias de apoio ao segmento, apurou o **Valor**. A área econômica, por outro lado, é contrária a medidas governamentais que atendam a um setor específico.

Entre as opções, estão a elevação da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), tributo cobrado na gasolina, de R\$ 0,10 para R\$ 0,30 por litro, a redução a zero do PIS-Cofins do etanol e a taxa de 15% nas importações de gasolina. As discussões se arrastam por 40 dias, mas há pressão para que o presidente arbitre rapidamente e tome uma decisão.

Com a elevação, da Cide, o setor sucroalcooleiro espera retomar ao menos em parte a competitividade do etanol em relação à gasolina. O setor amarga queda de 50% na demanda e enfrenta problemas de armazenagem. Há discussões em curso entre o Ministério da Economia e o BNDES para financiar a construção de tanques.

O principal argumento a favor do aumento da Cide é que a medida não teria impacto no preço final. Como o preço da gasolina está em queda, a elevação do tributo de R\$ 0,10 por litro para R\$ 0,30 apenas evitaria uma queda maior na bomba. Não teria impacto na inflação, nem para o consumidor. Além disso, ajudaria a criar uma “gordura” no preço que ajudaria a amenizar futuras oscilações. Em 2019, a arrecadação da Cide chegou a R\$ 2,7 bilhões.

A área econômica argumenta que as ações tomadas desde o início da pandemia são de caráter transversal, ou seja, atendem às empresas como um todo. É o caso do adiamento do prazo de recolhimento de tributos federais e do aumento da liquidez no sistema financeiro para facilitar a concessão de crédito.

Os técnicos da equipe econômica temem que, ao atender um setor em particular, venha uma avalanche de pedidos específicos. Há sugestões de todo tipo em análise no governo e as pressões são fortes.

A equipe é contrária também a elevar tributos em meio à crise. O próprio ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou na semana passada que este não é o momento de aumentar impostos e que discussões desse tipo serão travadas logo à frente, na reforma tributária.

O contexto, porém, era diferente. Foi durante a audiência na comissão mista do Congresso que discute a pandemia, na última quinta-feira. Alguns parlamentares o questionaram sobre a redução da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) dos bancos que teria sido publicada no Diário Oficial naquele dia. As perguntas partiram de interpretação equivocada de uma Instrução Normativa publicada pela Receita Federal, que tratava de uma regra de transição para o aumento do tributo, tal como aprovado na reforma da Previdência.

Uma política de apoio ao setor sucroalcooleiro é, no entanto, defendida pela ministra da Agricultura. Ela tem demonstrado frustração com a demora na decisão e afirmou que a bola estava com o Ministério da Economia.

Já o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, defendeu a elevação da Cide no início de março, como alternativa para evitar oscilação excessiva do preço da gasolina. Na ocasião, foi desautorizado por Bolsonaro. A proposta de criação de uma espécie de colchão tributário foi retirada da mesa, segundo o Ministério de Minas e Energia. Essa ideia de usar a Cide como um “colchão tributário” para dar estabilidade ao preço da gasolina é, porém, uma ideia que está presente nos meios técnicos desde a greve dos caminhoneiros, em 2018. O atual cenário, com a gasolina barata, seria um bom momento de implementá-la, avaliam técnicos. A questão é o timing político.

Essas visões diferentes foram levadas a Bolsonaro que, no início de fevereiro, comprou uma briga com governadores por causa do preço da gasolina. Ele afirmou que reduziria a zero os tributos federais sobre o combustível, se os Estados fizessem o mesmo com o ICMS. O desafio provocou reação dos governadores, que apontaram a política de preços da Petrobras como a responsável pelos altos preços cobrados na época.

Fabio Romão, economista da LCA Consultores, lembra que desde o início do ano a Petrobras já vinha reduzindo os preços dos combustíveis, mas esse efeito demorou a aparecer na venda ao consumidor final. O efeito da pandemia na demanda, porém, acelerou esse processo. Pelas estimativas de IPCA da LCA, do início de março ao fim de abril o preço da gasolina na bomba caiu 9,32% e o do diesel, 8,16%. O etanol teve queda mais acentuada, de 15,45%. **(Colaborou Marta Watanabe, de São Paulo)**

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 07/05/2020****Seção: Brasil****Autor: André Ramalho — Do Rio****Título: Petrobras aumenta em 12% o preço da gasolina**

Em meio à queda de braço dentro do governo sobre a proposta de aumento da tributação da gasolina, um pleito do setor sucroalcooleiro, a Petrobras vai aumentar em 12% a partir de hoje, nas refinarias, o preço do combustível. O reajuste da gasolina, o primeiro desde fevereiro, acontece em meio a uma ligeira recuperação do petróleo, nos últimos dias, e tende a melhorar, ao menos em algumas praças, a competitividade do etanol.

Os preços da gasolina da Petrobras acumulam uma queda de 46,5% em 2020 e de 39% nas refinarias desde março, quando eclodiu o choque de preços do petróleo. Nas bombas, esse recuo tem sido menor, mas o suficiente para preocupar os produtores de etanol, que nos últimos anos se acostumaram a ver a gasolina encarecer e perder mercado. Com base nos dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP), a queda acumulada dos preços do litro da gasolina, para o consumidor final, é de 13,8% em 2020 e de 13,3% desde março.

Mesmo com os preços baixos, as vendas da gasolina estão em queda. No primeiro mês de medidas de restrição à circulação de pessoas, como estratégia de enfrentamento à pandemia da covid-19 no Brasil, o consumo do derivado caiu 13,3% em março, ante igual período de 2019, para 2,697 bilhões de litros - o volume mais baixo para o mês desde 2010. No primeiro trimestre, a queda foi de 2,7%. O etanol hidratado, por sua vez, recuou 15,7% em março e 3,6% nos três primeiros meses do ano.

O aumento de hoje nas refinarias interrompe uma sequência de seis ajustes para baixo seguidos feito pela Petrobras desde a crise do petróleo, no início de março. Nos últimos dias, o preço do petróleo recuperou parte do tombo recente que levou o barril do tipo Brent a ser cotado dos US\$ 20, na semana retrasada. Ontem, a commodity fechou o dia a US\$ 29,72.

O presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, disse na terça-feira que a empresa “está pronta” para elevar seus preços sempre quando julgar necessário. “Não temos nenhuma dificuldade em subir preço, não há nenhuma proibição”, afirmou.

O executivo já se posicionou outras vezes de forma contrária à medida. Em abril, ele destacou que “capitalistas inimigos do capitalismo” estavam fazendo pedidos de impostos de proteção. E alertou que a elevação dos tributos sobre a

gasolina poderia ter consequências sérias, como desabastecimento de gás liquefeito do petróleo (GLP) - cuja produção, nas refinarias, está atrelada a da gasolina.

O setor de revenda também é contra o aumento da tributação e enviou carta ao presidente Jair Bolsonaro pedindo para que ele não recorra à medida. Já a Associação Brasileira de Importadores de Combustíveis (Abicom) defende que aumentar impostos, para proteger o etanol, não é necessário, se a Petrobras mantiver seus preços alinhados com a paridade internacional. Segundo a entidade, porém, mesmo com a alta de hoje, a petroleira continua vendendo o derivado abaixo da paridade. A Abicom considera, em suas contas, as despesas para internalização do produto até o porto e acrescenta a esses valores os custos com taxas portuárias, armazenagem e frete até o ponto de entrega. Já a Petrobras alega que o preço de paridade internacional “não é um valor absoluto, único e percebido da mesma maneira por todos os agentes” e varia de agente para agente.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 07/05/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: EDP distribui cestas e vale-alimentação

Os recursos, correspondentes a R\$ 1,5 milhão, serão destinados por meio de projetos selecionados

Cerca de 20 mil pessoas que fazem parte de comunidades carentes e indígenas de todo o país, vão receber durante os próximos três meses recursos para alimentação. A iniciativa da EDP, que atua no setor elétrico, vai doar 322 toneladas de alimentos e vales-alimentação. Os recursos, correspondentes a R\$ 1,5 milhão, serão destinados por meio dos projetos selecionados no edital EDP Solidária - covid 19, que vão fazer o repasse dos cartões e das cestas básicas às famílias.

Nesta primeira rodada, o edital realizado pelo Instituto EDP aprovou 24 projetos de oferta de alimentos, produtos de higiene e limpeza e de atendimento de outras necessidades essenciais. Nos próximos dias, serão anunciados os projetos vencedores nas demais categorias. O processo seletivo contou com a participação de um comitê externo, formado por Carlo Pereira, diretor-executivo do Pacto Global no Brasil, e Regina Esteves, diretora-presidente da

organização social Comunitas e foi auditado pela Ernest & Young. Em pouco mais de dez dias, o edital recebeu mais de 600 projetos de todos os Estados.

“Demos prioridade ao anúncio dos projetos selecionados que precisam ser atendidos com maior urgência - aqueles que envolvem doações de alimentos e produtos de higiene e limpeza”, afirmou, em nota, Luís Carlos Gouveia, diretor do Instituto EDP. “Acreditamos que conseguimos um recorte de iniciativas sérias e interessantes, que terão papel fundamental no enfrentamento da pandemia entre as pessoas que mais precisam.”

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 07/05/2020

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho — Do Rio

Título: Petrobras irá abastecer ambulâncias

A Petrobras informou que fará a doação de cerca de 3 milhões de litros de combustível para abastecer ambulâncias, veículos de transporte de médicos e hospitais públicos e filantrópicos vinculados às secretarias estaduais de saúde, para enfrentamento à pandemia da covid-19 pelo período de até três meses. A BR Distribuidora será responsável pela logística da entrega em todo o Brasil.

Ao todo, a Petrobras destinará R\$ 30 milhões para colaborar no combate à pandemia, incluindo kits de testes de diagnósticos, máscaras, materiais de higiene e segurança, além dos combustíveis.

A estatal também informou que estão sendo investidos mais de R\$ 30 milhões em ações de saúde e prevenção para os colaboradores, como a realização de testes rápidos no pré-embarque para plataformas e testes padrão ouro para todos os que reportam sintomas.

Já foram feitos cerca de 6,3 mil testes para covid-19 entre empregados e prestadores de serviços. Segundo a companhia, mais de 20 mil kits de testes foram adquiridos e serviços de 12 laboratórios em 15 estados do país foram contratados para viabilizar a realização destes exames.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 07/05/2020

Seção: Empresas

Autor: Letícia Fucuchima — De São Paulo

Título: AES lucra e avança com plano estratégico

Menos exposta aos impactos da crise, a AES Tietê encerrou o primeiro trimestre com resultado positivo na última linha do balanço e com avanços em sua estratégia de longo prazo. Durante o trimestre, a companhia assinou um acordo de compra de um parque eólico greenfield no Rio Grande do Norte, que adicionará mais 1,1 gigawatts (GW) de capacidade instalada à carteira de projetos. Também aprimorou a gestão comercial do portfólio de energia com o início das operações de uma mesa de comercialização que, no futuro, pode se tornar uma linha de negócios.

“Continuamos moldando a empresa para ser protagonista do futuro do setor”, disse ao **Valor** Ítalo de Freitas, presidente da Tietê.

Entre janeiro e março, a elétrica contabilizou lucro líquido de R\$ 75 milhões, 21,5% maior que o registrado um ano antes. No mesmo período, o Ebitda alcançou R\$ 312,8 milhões, 18,3% superior na comparação anual, enquanto a receita operacional líquida somou R\$ 494,4 milhões, crescimento de 1,6%.

O resultado trimestral foi impulsionado pela estratégia comercial adotada para os ativos hídricos, que levou ao incremento de R\$ 52 milhões da margem no segmento, destaca Clarissa Sadock, diretora financeira e de relações com investidores. Entre janeiro e março, a elétrica continuou aumentando seu nível de contratação entre 2021 e 2024 e, para 2025, já tem cerca de 20% do portfólio hídrico contratado.

Para tornar mais ativa a gestão da carteira no curto e curtíssimo prazo, a companhia iniciou as atividades de uma mesa de comercialização. “Tivemos um ganho adicional de R\$ 11 milhões no trimestre com a mesa. Com certeza é uma linha de negócios que a AES Tietê vai investir fortemente para crescer”, diz Freitas.

Com relação a novos projetos, a Tietê assinou um acordo para aquisição de um projeto greenfield no Rio Grande do Norte, onde pretende instalar um novo “cluster” eólico. Batizado de “Cajuína”, o complexo terá capacidade instalada de 1,1 GW e deve exigir investimentos da ordem de R\$ 4 bilhões, incluindo aportes para aquisição, construção e compra de equipamentos.

O principal atrativo desse complexo é o fato de a geração no local ser mais forte durante o dia - normalmente, as eólicas produzem mais durante a noite e na madrugada. Essa característica é especialmente importante por causa da entrada em vigor do preço horário em 2021.

O projeto Cajuína se soma à carteira remanescente de outro complexo eólico da Tietê, o Tucano, cuja construção deve começar em 2021. Com isso, a companhia passa a ter cerca de 1,4 GW em projetos eólicos prontos para venda. Após a

finalização desses projetos em desenvolvimento, o portfólio da geradora somará 5 GW de capacidade instalada.

A crise gerada pela pandemia da covid-19 não impactou, até então, o desempenho da Tietê, sustenta a companhia. Segundo Freitas, potenciais clientes permanecem em contato para negociar projetos. Mesmo assim, a Tietê reforçou sua liquidez com a emissão de R\$ 500 milhões em notas promissórias, valor que se soma ao R\$ 1,4 bilhão em disponibilidades de caixa registrados no fim de março. “Essa posição nos dá tranquilidade para fazer frente às obrigações e pagamentos da companhia no ano”, afirma Clarissa. De acordo com a executiva, não há intenção de revisar a previsão de investimentos, ou de corte dos dividendos.

Sobre a oferta de combinação de negócios com a Eneva, os executivos afirmam que têm trabalhado para que o caso não “contamine” a disposição do time e nem a percepção dos investidores da Tietê. A proposta já foi retirada da mesa pela Eneva, após a história ter ganhado maiores proporções e entrado numa discussão sobre governança na B3.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 07/05/2020

Seção: Poder

Autor: Ricardo Delia Coletta e Daniel Carvalho

Título: Porta-voz da Presidência está com Covid-19

O porta-voz da Presidência da República, Otávio Rêgo Barros, 59, foi diagnosticado com o novo coronavírus. Segundo a equipe do porta-voz, ele teve sintomas leves, mas está bem e cumpre o período de isolamento em sua casa.

“O general Rêgo Barros encontra-se em sua residência, cumprindo todos os protocolos recomendados e, até o momento, sem sintomas que mereçam maiores preocupações”, disse o Palácio do Planalto, em nota. Segundo sua agenda oficial, o último dia em que o porta-voz despachou no Planalto foi em 30 de abril, uma quinta-feira.

Rêgo Barros é mais um auxiliar próximo do presidente Jair Bolsonaro que contraiu a Covid-19.

O primeiro caso no Palácio do Planalto foi o do chefe da Secom (Secretaria Especial de Comunicação Social), Fábio Wajngarten, diagnosticado com o vírus logo após o retorno da comitiva presidencial que viajou aos EUA no início de março.

Entre membros da comitiva oficial e pessoas que estiveram com Bolsonaro nos EUA, mais de 20 pessoas tiveram teste positivo. Entre eles, o senador Nelsinho Trad (PSD-MS); o diplomata Nestor Forster, indicado para o cargo de embaixador do Brasil em Washington; a advogada Karina Kufa, tesoureira do Aliança pelo Brasil; e o número 2 da Secom, Samy Liberman.

Dois ministros do governo já receberam teste positivo para o novo coronavírus: o general Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional) e **Bento Albuquerque (Minas e Energia)**.

O presidente Jair Bolsonaro realizou dois testes para a Covid-19, mas, segundo ele, ambos deram negativo.

O primeiro foi feito em 12 de março e o segundo, no dia 17 do mesmo mês. A Folha solicitou ao Palácio do Planalto cópias dos exames clínicos feitos pelo mandatário, mas elas não foram fornecidas.

Bolsonaro trava disputa judicial para não ser obrigado a mostrar os resultados dos seus dois testes.

A Justiça Federal de São Paulo determinou que Bolsonaro entregue os resultados de todos os seus exames. A decisão ocorreu após um pedido do jornal O Estado de S. Paulo.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 07/05/2020

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona

Título: Com recuperação do petróleo, Petrobras reajusta gasolina em 12% após 11 reduções

Após uma sequência de cortes, a Petrobras aumentará em 12% o preço da gasolina em duas refinarias a partir desta quinta-feira (7). É o primeiro reajuste desde o início da pandemia do novo coronavírus, que derrubou as vendas de combustíveis e as cotações do petróleo no mundo.

Após o reajuste, o litro da gasolina será vendido pelas refinarias da estatal, em média, a R\$ 1,02, voltando ao patamar acima de R\$ 1 pela primeira vez em mais de três semanas. Com 11 cortes antes do reajuste desta quinta, o preço do produto ainda acumula queda de 50% no ano.

O repasse do reajuste ao consumidor depende de políticas comerciais de postos e distribuidoras. Segundo a Petrobras, o valor de venda da gasolina em suas

refinarias equivale a 18% do preço final do produto — o restante é composto por impostos e margens de distribuidores e revendedores.

O preço do diesel ficará inalterado. Também acompanhando a queda das cotações internacionais do petróleo após o início da pandemia, a Petrobras já reduziu em 38% o valor de venda do combustível em suas refinarias em 2020.

O anúncio de aumento do preço da gasolina ocorre após leve recuperação da cotação internacional do petróleo Brent, referência mundial de preços negociada em Londres, que chegou nesta semana a bater a casa dos US\$ 30 por barril pela primeira vez depois de um mês.

A taxa de câmbio, outro elemento usado pela Petrobras para definir os preços dos combustíveis, também variou para cima nos últimos dias. Nesta quinta (6), o dólar fechou a R\$5,70.

Segundo dados do CBIE (Centro Brasileiro de Infraestrutura), a Petrobras estava vendendo a gasolina no país com defasagem em relação ao mercado internacional. Na semana passada, o preço interno estava 4,9% abaixo do praticado no golfo do México, nos Estados Unidos.

A estatal vem tendo dificuldades para desovar seus estoques de gasolina e chegou a consultar distribuidoras de combustíveis sobre a disponibilidade de tanques de armazenagem para receber produtos temporariamente.

O repasse da série de cortes de preços ao consumidor, até o momento, foi de 13,7%.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 07/05/2020

Seção: Colunas

Autor: Joana Cunha

Título:

PAINELS.A

Amostragem

A Petrobras vai financiar um projeto da Firjan Senai para desenvolver uma metodologia de testes de coronavírus chamada Pooling Multiplex. A proposta é analisar amostras de grupos, em vez de fazer testes individuais, o que reduziria em até 85% os custos dos ensaios. A ideia poderá ser aplicada em equipes de empresas.

com Filipe Oliveira e Mariana Grazini

VEÍCULO: O Globo

Data: 07/05/2020

Seção: Economia

Autor: RAMONA ORDONEZ

Título: Petrobras aumenta preço da gasolina em 12%

Combustível ficou 13,7% mais barato nos postos este ano, apesar de a companhia já ter reduzido em 46,6% o valor nas refinarias. Depois de tombo histórico, petróleo voltou a se valorizar no mercado internacional

Com a recente recuperação da cotação do petróleo no mercado internacional e a disparada do câmbio, a Petrobras anunciou ontem o aumento dos preços da gasolina no país. O reajuste nas refinarias será de 12%, em média, alta de R\$ 0,1097 por litro. Os novos valores passam a vigorar hoje.

Até o momento, a estatal não anunciou alterações nos preços do diesel. É a segunda vez que a Petrobras aumenta os preços da gasolina no ano.

No dia 20 de fevereiro, houve um reajuste de 3%. A este se seguiram sucessivas reduções, devido ao início da quarentena, que fez a demanda despencar, e à crise internacional do petróleo.

Na semana passada, a gasolina era vendida nos postos do país a R\$ 3,929 o litro, com queda acumulada de 13,7% em comparação com os R\$ 4,555 cobrados no último dia de 2019, segundo levantamento da Agência Nacional do Petróleo (ANP).

Nas refinarias, o preço da gasolina acumula redução de 46,6% no ano, já considerando o novo reajuste de 12%. Com o aumento, o litro da gasolina passa a custar, em média, R\$ 1,02 nas refinarias, o menor valor desde setembro de 2005.

DIESEL 14,6% MAIS BARATO

Normalmente, os aumentos são repassados de imediato para as bombas, mas as reduções seguem ritmo mais lento. Uma das explicações é que os estoques, tanto das distribuidoras quanto dos postos, estão elevados por causa da queda no consumo. Além disso, a parcela da Petrobras na composição do preço final na gasolina é de apenas 18% — que se somam a impostos federais de 18% (Cide, PIS-Cofins) e estaduais (ICMS, de 33% em média), além de 11% do custo do etanol anidro que é adicionado à gasolina e de 20% de margem da distribuição e revenda.

Já o diesel acumula queda de 14,6% nas bombas. Na semana passada, o combustível era vendido, em média, por R\$ 3,203, contra R\$ 3,751 no último dia de 2019. Nas refinarias, a queda acumulada é de 44,1%, com o litro custando R\$ 1,30, o menor valor desde julho de 2012.

Nos últimos dias, o barril do tipo Brent, referência no mercado internacional, começou a recuperar valor após tombo histórico. Ontem, estava sendo negociado a quase US\$ 30. No câmbio, de 1º de abril até ontem, a valorização do dólar foi de 8,38%, passando de R\$ 5,262 para R\$ 5,703.

Para Sérgio Araujo, presidente da Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom), o reajuste já era esperado e, na sua opinião, foi menor que o previsto. Desde 21 de abril, quando a estatal fez sua última alteração no preço do combustível, cortando 8%, o dólar e o barril de petróleo se valorizaram.

— Eu entendo que a Petrobras demorou a reagir porque está com estoques muito elevados e a volatilidade está alta. Então, ela aguarda uma certa estabilização para tomar decisões. Mas esse aumento anunciado hoje (ontem) é pouco, ainda não chega na paridade — afirmou Araujo, que estima defasagem em de 20% na gasolina.

VEÍCULO: O Globo

Data: 07/05/2020

Seção: Economia

Autor: GABRIELMARTINS

Título: Dólar sobe 1,96% e bate novo recorde, a R\$ 5,703

Expectativa sobre corte da taxa básica de juros no país e piora da perspectiva de crédito da economia brasileira resultam em mais um dia de valorização. No ano, moeda acumula alta de 42,25%. Bolsa recua 0,51%

A expectativa de um novo corte na taxa básica de juros brasileira, associada à revisão da perspectiva de crédito do país, fez com que o dólar comercial atingisse ontem um novo recorde. A moeda encerrou o dia valendo R\$ 5,703, alta de 1,96%. No ano, a divisa acumula um ganho de 42,25% frente ao real.

No mercado de ações, a falta de apetite dos investidores por ativos de maior risco e a queda do petróleo acabaram contribuindo para um recuo de 0,51% do Ibovespa, principal índice da Bolsa Brasileira, a B3, aos 79.064 pontos.

A decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central de cortar a Selic em 0,75 ponto percentual, jogando a taxa para o histórico patamar de

3% ao ano, só foi anunciada após o fechamento dos mercados, o que deve gerar efeitos sobre os negócios hoje.

A relação entre a redução da Selic e alta do dólar se dá por conta da falta de atratividade, na operação conhecida como carry trade. Neste sistema, investidores tomam empréstimos em países com juros baixos ou até negativos para investir em títulos públicos de nações com juros elevados, na busca por rentabilidade alta e risco baixo.

Com a queda dos juros no Brasil, esse tipo de operação perde atratividade. Além disso, diante das incertezas econômicas geradas pela pandemia do novo coronavírus, investidores têm comprado dólares, o que contribuiu para o avanço da cotação da moeda nas últimas semanas.

CENÁRIO INTERNO

A piora na perspectiva de crédito do país, anunciada na noite de terça-feira pela agência de classificação de risco Fitch, também pesou. A notado Brasil foi mantida em “BB -”, mas a perspectiva passou de “estável” para “negativa”, o que indica risco de rebaixamento a curto prazo.

— A revisão da Fitch é um sinal de alerta sobre a dificuldade do Brasil em endereçar e tocar a agenda de reestruturação fiscal, o que deixa os investidores receosos — diz Maurício Pedrosa, da Áfira Investimentos.

—O mercado não vê motivo para deixar recursos no país, uma vez que os juros estão baixos e a incerteza, elevada.

O Ibovespa também sofreu reflexos da agenda política doméstica, segundo analistas.

Os papéis de maior peso no índice tiveram um dia de perdas. As ações ordinárias (ON, com direito a voto) e preferenciais (PN, sem direito a voto) da Petrobras recuaram, respectivamente, 3,91% e 3,68%, acompanhando a queda do preço do petróleo no exterior.

O barril do tipo Brent, referência internacional, encerrou em queda de 4,04%, a US\$ 29,72.

MME / ASCOM .